



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Andréa Aparecida Fernandes*

**Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo  
de um grupo de comerciários**

**UBERLÂNDIA**

**2020**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



*Andréa Aparecida Fernandes*

**Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo  
de um grupo de comerciários**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

**UBERLÂNDIA  
2020**



*Andréa Aparecida Fernandes*

**Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo  
de um grupo de comerciários**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

**Banca Examinadora**

Uberlândia, 09 de junho de 2020.

---

Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Profa. Dra. Miriam Tachibana

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

---

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

Universidade de São Paulo – Ribeirão Preto, SP

**UBERLÂNDIA**

**2020**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F363 2020	<p>Fernandes, Andréa Aparecida, 1989- Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários [recurso eletrônico] / Andréa Aparecida Fernandes. - 2020.</p> <p>Orientador: Rodrigo Sanches Peres. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.455">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.455</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia. I. Peres, Rodrigo Sanches, 1979-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 159.9</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

---

“Se as coisas são inatingíveis... ora!  
Não é motivo para não querê-las...  
Que tristes os caminhos, se não fora  
A presença distante das estrelas!”

*Mario Quintana*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Rodrigo Sanches Peres, que, sem sombras de dúvidas, deu valor à palavra “orientar”, pelo seu incentivo, disponibilidade e apoio que sempre demonstrou. Sem ele nada disso teria se concretizado.

Aos participantes da pesquisa, que aceitaram o convite, e à Joice Soares, parceira de mestrado: vocês foram fundamentais para o desenvolvimento dessa dissertação.

A Deus, por me amparar e me dar tranquilidade para seguir em frente com os meus objetivos, colocando pessoas tão especiais em minha vida e não me deixando desanimar com as dificuldades.

Ao meu marido, Leocarlos França, pelo amor, partilha, companheirismo e apoio incondicional, agradeço a enorme compreensão, generosidade e alegria. Sem ele não seria possível tudo isso. Ele esteve presente desde as tentativas frustradas até cada vitória comemorada.

Aos meus pais, João Fernandes e Marta M. Resende, que, mesmo na simplicidade da vida, sempre estiveram comigo, demonstram orgulho a cada conquista, e me acharam “a melhor de todas”, mesmo não sendo. Com certeza isso me fez tentar ser melhor a cada dia, não por querer ser a melhor de todas, mas para continuar dando a vocês alegrias nessa vida que muitas vezes foi bem dura.

Ao meu irmão, Adenilson Fernandes, meu agradecimento, pois, a seu modo, sempre se orgulhou de mim e confiou no meu trabalho.

Aos meus avós, Valdemar de Sousa e Maria Abadia Resende. Quando comecei essa caminhada vocês ficaram tão felizes, não sabiam exatamente do que se tratava, mas eu tinha “passado na prova”, e isso lhes encheu de orgulho, então vocês sempre perguntavam: “E aí, filha, como está? Continua estudando?” E eu sempre dizia: “Sim, tem que continuar, logo vai

acabar”. Então, agora acabou! A minha maior tristeza é saber que vocês não estão aqui para que eu possa correr até vocês e dizer que deu tudo certo. De onde estiverem, eu agradeço. Sem vocês a caminhada não teria o mesmo sentido.

À minha segunda família, Madalena Dias, José França, Marcela França e Jorge França, obrigada por me apoiarem tanto. Vocês sempre demonstraram saber o significado de cada passo dessa caminhada.

Aos meus familiares, tios(as) e primos(as), e aos grandes amigos que tenho nessa vida, eu agradeço por estarem sempre ao meu lado, mesmo que as vezes a quilômetros de distância.

E agradeço a Gabriela Reis, minha maior incentivadora e irmã na vida, e a Moisés Lemos, meu eterno mestre, que me viu com olhos tão carinhosos que me fez ser a psicóloga que sou hoje.

**Resumo:** A presente dissertação é constituída por dois estudos que se complementam. O Estudo 1 se afigura como uma revisão da literatura sobre o emprego do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica. Dessa forma, o Estudo 1 fornece contextualização teórico-metodológica ao Estudo 2, o qual explorou empiricamente uma faceta específica da depressão no meio laboral. O Estudo 1 teve como objetivo estabelecer um panorama da produção científica nacional veiculada no formato de artigos empíricos e consagrada à exploração psicanalítica do imaginário coletivo. O *corpus* de análise foi composto por 23 referências, selecionadas a partir de buscas realizadas junto a bases de dados. Constatou-se que a produção científica nacional consagrada ao assunto proporciona, em diferentes públicos, a demarcação do cerne não-consciente das subjetividades grupais no tocante a uma variedade de fenômenos, bem como evidencia que o imaginário coletivo, conforme psicanaliticamente concebido, não se resume a um conjunto de conteúdos exclusivamente intrapsíquicos, mas, sim, abarca diversas manifestações humanas conectadas a regiões intersubjetivas que se constroem a partir das interações cotidianas. Verificou-se também que, de forma geral, as referências selecionadas podem ser consideradas consistentes do ponto de vista metodológico. O Estudo 2 teve como objetivo compreender as relações existentes entre depressão e trabalho segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários. Os participantes foram nove comerciários que atuavam em duas lojas de uma mesma rede varejista de móveis e eletrodomésticos. O instrumento utilizado foi uma entrevista grupal norteada pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). O *corpus* de análise foi submetido a leituras flutuantes, especificamente direcionadas à formulação de interpretações acerca dos sentidos não-conscientes que estruturam o imaginário coletivo dos participantes sobre a depressão. Em síntese, constatou-se que, conforme os participantes, a depressão afeta severamente a funcionalidade, inclusive no contexto do trabalho. Porém, o meio laboral não foi enfatizado como disparador das frustrações que, para a maioria deles, desencadeariam a depressão. E o sentimento de solidão, apontado tanto como causa quanto como consequência da depressão, foi circunscrito à vida pessoal. Logo, viabilizou-se a identificação de algumas relações (im)possíveis entre depressão e trabalho segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários.

**Palavras-chave:** Depressão; trabalho; imaginário coletivo; saúde mental; pesquisa qualitativa.

## SUMÁRIO

<b>Apresentação.....</b>	<b>10</b>
<b>Estudo 1</b>	
Pesquisas psicanalíticas sobre o imaginário coletivo: tendências e indicadores de consistência metodológica.....	15
<b>Estudo 2</b>	
Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários.....	35
<b>Conclusão.....</b>	<b>57</b>

## APRESENTAÇÃO

No Brasil e no mundo, a depressão atingiu níveis alarmantes, de forma que é considerada, hoje, um desafio à assistência em saúde mental e, em um sentido mais amplo, um problema de saúde pública. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup>, aproximadamente 5,8% da população brasileira é afetada por síndromes depressivas, sendo que a prevalência a nível global é de 4,4%. Por essa razão, diferentes profissionais de saúde – em especial no país – são, diariamente, convocados a tratar de pacientes deprimidos. Mas a depressão, assim como outros transtornos mentais, não pode ser considerada um fenômeno recente.

As principais características depressivas foram notadas há séculos. Ocorre que, com a evolução da Medicina e da Filosofia, a maneira como se compreendem os transtornos mentais sofreu importantes modificações ao longo do tempo. É interessante mencionar que o conceito de “loucura” remonta à Antiguidade, sendo que era utilizado para designar, basicamente, alterações da consciência ou da razão atribuídas a punições divinas, como observaram Cordás e Emilio<sup>2</sup>. Ainda segundo os mesmos autores, na Bíblia, por exemplo, consta que Saul, após “dar as costas” para Deus, passou a ser perseguido por demônios e tornou-se “louco”, o que, inclusive, o teria levado ao suicídio.

Na Grécia Antiga surge uma abordagem mais racional dos transtornos mentais. Hipócrates (460-377 a.C), considerado o pai da Medicina ocidental, criou a chamada “teoria humoral”, segundo a qual a saúde dependeria do equilíbrio entre a fleuma, o sangue, a bile amarela e a bile negra. Acreditava-se, então, que desarmonias entre esses fluídos corporais causariam doenças, conforme esclareceu Vernant<sup>3</sup>. O excesso de bile negra, especificamente,

---

<sup>1</sup> World Health Organization (2017). *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. Geneva: World Health Organization.

<sup>2</sup> Cordás, T. A., & Emilio, M. S. (2017). *História da melancolia*. Porto Alegre: Artmed.

<sup>3</sup> Vernant, J. P. (1990). *Mito e pensamento entre os gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

seria a origem da melancolia, condição cujos sintomas – desânimo, insônia, irritabilidade, perda de interesse pelo mundo externo e ideação suicida, dentre outros – ocupam, na atualidade, lugar central na composição do quadro clínico das síndromes depressivas, em consonância com Clara<sup>4</sup>.

Durante a Idade Média, as teorias religiosas sobre a “loucura” ganharam força novamente. Como consequência, a melancolia passou a ser relacionada a possessões demoníacas, por um lado, ou aos pecados capitais, sobretudo à preguiça, por outro lado, conforme Pessotti<sup>5</sup>. Porém, Peres<sup>6</sup> chamou atenção para o fato de que o Cristianismo, em certo aspecto, também cultuava a melancolia, na medida em que a considerava um caminho capaz de conduzir a Deus.

As teorias religiosas começaram a entrar em declínio somente com o Iluminismo, movimento que se mostrou de grande relevância para o desenvolvimento científico em diversas áreas. Pereira<sup>7</sup> esclareceu que foi nesse contexto que o médico escocês William Cullen (1710-1790) criou o termo “neuroses”, para designar um conjunto diversificado de “enfermidades nervosas não decorrentes de lesão localizada ou de patologia febril” (p. 130). E Cullen incluiu a melancolia entre as neuroses. Com isso, estabeleceu que alterações dos nervos, e não dos fluidos corporais, constituiriam o cerne da melancolia.

Segundo Cordás e Emilio<sup>8</sup>, foi com base nessa premissa que, ao longo do século XIX, o termo “depressão” passou a ser gradativamente utilizado no discurso médico como substituto do termo “melancolia”, pois este muitas vezes era empregado para aludir a qualquer tipo de “loucura”. E Clara<sup>4</sup> acrescentou que tal mudança também se deveu à tentativa de demarcar um distanciamento entre a teoria humoral de Hipócrates e os avanços

---

<sup>4</sup> Clara, C. J. S. (2009). Melancolia: da antiguidade à modernidade – uma breve análise histórica. *Mental*, 7(13).

<sup>5</sup> Pessotti, I. (1994). *A loucura e as épocas*. São Paulo: Editora 34.

<sup>6</sup> Peres, U. T. (2010). *Depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

<sup>7</sup> Pereira, M. E. C. (2010). Cullen e a introdução do termo “neurose” na medicina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 13(1), 128-134.

<sup>8</sup> Cordás, T. A., & Emilio, M. S. (2017). *História da melancolia*. Porto Alegre: Artmed.

proporcionados pela Psiquiatria quanto à descrição e classificação dos transtornos mentais de maneira geral.

Sigmund Freud (1856-1939), o criador da Psicanálise, não aderiu ao discurso médico de sua época e introduziu um modo de compreensão dos transtornos mentais baseado na valorização da dimensão inconsciente do funcionamento psíquico. Assim, Freud<sup>9</sup> defendeu que o luto e a melancolia se assemelhariam em vários pontos, mas, subjacente à melancolia, haveria uma perda não-elaborada. Isso porque o melancólico, diferentemente do enlutado, seria consciente apenas de sua perda em termos concretos, e não daquilo que com ela perdeu simbolicamente. Além disso, o melancólico sustentaria, de forma inconsciente, uma identificação com aquele – ou aquilo – de que foi privado, como um meio de não permitir o rompimento de seu laço com o mesmo.

Em grande parte graças às formulações freudianas sobre a melancolia, hoje a Psiquiatria admite que a depressão, embora possua etiologia multifatorial, geralmente é desencadeada por circunstâncias adversas decorrentes de perdas, separações ou conflitos, como observaram Kaplan, Sadock e Grebb<sup>10</sup>. Contudo, os critérios diagnósticos das síndromes depressivas estabelecidos pelos sistemas de classificação dos transtornos mentais vigentes na atualidade colocam em relevo suas manifestações sintomáticas diretamente observáveis. Logo, a intensidade, a frequência e a duração dos sintomas têm sido decisivas para o diagnóstico da depressão, em seus diversos subtipos, em consonância com Pontes<sup>11</sup>.

A quinta edição do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*<sup>12</sup>, por exemplo, define que a confirmação de um caso de transtorno depressivo maior – condição emblemática das síndromes depressivas – deve ser feita quando cinco ou mais dos seguintes

---

<sup>9</sup> Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In: J. Salomão (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 14, pp. 249-263). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1917[1915])

<sup>10</sup> Kaplan, H. I., Sadock, B. J., & Grebb, J. A. (1997). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

<sup>11</sup> Pontes, C. B. (1993). *Depressão: o que você precisa saber*. Fortaleza: Multigraf.

<sup>12</sup> American Psychiatric Association (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed.

sintomas estiverem presentes por pelo menos duas semanas: (1) humor deprimido ou irritável; (2) interesse ou prazer diminuídos; (3) perda ou ganho significativo de peso; (4) insônia ou hipersonia; (5) agitação ou retardo psicomotor; (6) fadiga; (7) sentimento de inutilidade ou culpa excessiva; (8) capacidade diminuída de pensar ou concentrar-se e (9) ideação suicida, tentativa ou plano suicida. Além disso, estabelece que humor deprimido ou irritável e interesse ou prazer diminuídos se afiguram como sintomas obrigatórios.

Apesar da existência de diferentes entendimentos quanto àquilo que constituiria o essencial da depressão, não restam dúvidas de que seus sintomas podem provocar graves prejuízos em todas as esferas da vida. Afinal, para a Organização Mundial da Saúde<sup>13</sup>, as síndromes depressivas constituem a maior causa de incapacidade laboral em todo o mundo, de modo que milhões de pacientes deprimidos, das mais variadas profissões, se afastam do trabalho, provisoriamente ou definitivamente, a cada ano.

O principal interesse da presente dissertação recai sobre uma faceta específica da depressão no meio laboral. Com o intuito de conferir-lhe um diferencial, optou-se por explorar a perspectiva de um grupo de comerciários quanto às possíveis relações existentes entre a depressão e o trabalho. Um estudo empírico de caráter qualitativo foi desenvolvido para tanto, tendo sido organizado a partir do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica. Trata-se do Estudo 2 aqui apresentado.

Mas, para proporcionar a devida contextualização teórico-metodológica a esse estudo empírico, julgou-se pertinente estabelecer um panorama das pesquisas já realizadas mediante o emprego do referido conceito. O Estudo 1 visou justamente a esse objetivo, sendo que se refere a uma revisão integrativa da literatura psicanalítica consagrada ao imaginário coletivo. A presente dissertação, portanto, é constituída por dois estudos<sup>14</sup> que se relacionam de forma

---

<sup>13</sup> World Health Organization (2017). *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. Geneva: World Health Organization.

<sup>14</sup> Em consonância com as diretrizes estabelecidas pela Resolução 01/2019, do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

direta, bem como se complementam, embora possam ser lidos de maneira independente. Por esse motivo, optou-se por veiculá-los separadamente.

## ESTUDO 1

### **Pesquisas psicanalíticas sobre o imaginário coletivo: tendências e indicadores de consistência metodológica**

#### **Introdução**

O conceito de imaginário coletivo pode ser definido de diferentes maneiras, dependendo do referencial teórico-metodológico utilizado para tanto, pois o mesmo abarca questões do interesse de variadas disciplinas. À luz da Psicanálise contemporânea, tal conceito vem sendo utilizado desde os anos 2000 no país para designar, conforme Tachibana (2011), o conjunto de ideias, crenças e emoções que se associam, sobretudo de forma não-consciente, às ações de um determinado público em relação a um certo fenômeno. E a autora informa que este entendimento foi pautado em formulações teóricas acerca do substrato afetivo-emocional das manifestações humanas propostas pela psicanalista brasileira Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, docente e pesquisadora na Universidade de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Aiello-Vaisberg e Machado (2008) afirmam que o imaginário coletivo pode ser psicanaliticamente enquadrado como uma modalidade de conduta. Porém, a noção de conduta utilizada pelas autoras ao proceder tal afirmação não implica em sua redução a comportamentos diretamente observáveis, uma vez que é baseada no posicionamento do psiquiatra e psicanalista argentino José Bleger. Segundo esse posicionamento, tanto uma produção imaginativa “pura” – como uma fantasia – quanto seus desdobramentos concretos – uma ação, por exemplo – se afiguram como condutas, pois correspondem a manifestações humanas, ainda que suas características de apresentação não sejam equivalentes (Bleger, 1989). Logo, é possível constatar que a perspectiva epistemológica que sustenta o conceito de

imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica não aborda o homem como uma entidade totalmente abstrata, ao mesmo tempo que não consente com sua compreensão como um ser exclusivamente racional.

Vale destacar que o imaginário coletivo, para Simões (2012), se constitui como uma espécie de cultura de um grupo social, na medida em que inclui valores e costumes compartilhados no ambiente humano em que o mesmo se encontra inserido. Portanto, ao menos quando concebido psicanaliticamente, o imaginário coletivo deve ser considerado, concomitantemente, individual e social, sendo que tal qualidade, conforme a autora, se aplica também a qualquer conduta. Em outros termos, Tachibana (2011) defende a mesma linha de raciocínio ao propor que o imaginário coletivo é marcado tanto pela realidade objetiva quanto pela realidade subjetiva do indivíduo. E, em complemento, Gonçalves (2008) sustenta que o imaginário coletivo sempre se manifesta em um tempo histórico e pessoal específico, sendo que cada sujeito, além de um produto de sua época, é co-criador de seu meio.

Diante do exposto, evidencia-se que o conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica é capaz de nortear pesquisas – qualitativas, essencialmente – voltadas ao exame das subjetividades grupais em face de uma multiplicidade de fenômenos. E de fato isso já se observa no país. Desse modo, o presente estudo teve como objetivo estabelecer um panorama da produção científica nacional veiculada no formato de artigos empíricos e consagrada à exploração psicanalítica do imaginário coletivo. Mais especificamente, buscou-se, no tocante às publicações com tais características: (1) identificar as principais tendências quanto a seus objetivos, participantes, procedimentos de coleta de dados e resultados e (2) avaliar indicadores de consistência metodológica concernentes a relevância, adequação, transparência e solidez, em consonância com a adaptação do *Guia RATS*<sup>15</sup> proposta por Taquette e Minayo (2016).

---

<sup>15</sup> O *Guia RATS*, originalmente formulado por Clark (2003), estabelece um conjunto de indicadores que se prestam à avaliação da consistência metodológica de pesquisas qualitativas, e vem sendo amplamente utilizado

## Método

O presente estudo se enquadra como uma revisão integrativa da literatura, formato de revisão particularmente proveitoso para a discussão de conceitos emergentes (Soares et al., 2014) – como é o caso do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica – e para a determinação do conhecimento atual sobre um assunto específico (Souza, Silva & Carvalho, 2010). As bases de dados consultadas para a localização das referências foram as seguintes: (1) *Scientific Electronic Library Online-Brasil* (SciELO-Brasil), (2) Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) e (3) *Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde* (LILACS). Em cada uma dessas bases de dados foram empreendidas buscas mediante o cruzamento dos termos “imaginário” e “coletivo”, sempre no campo “resumo”, uma vez que tal estratégia, em consultas prévias, se revelou a mais produtiva. Vale destacar ainda que as buscas foram concluídas no dia 22 de maio de 2019 e não envolveram a utilização de quaisquer limites – em relação à data de publicação ou idioma, por exemplo – oferecidos pelas bases de dados.

As referências localizadas foram selecionadas em função de um único critério de inclusão, a saber: enquadrar-se como artigo empírico voltado à exploração psicanalítica do imaginário coletivo. Tal critério foi aplicado de forma independente por dois pesquisadores e teve como base a leitura dos resumos das referências, sendo que, pontualmente, se recorreu à leitura dos textos completos quando considerado necessário para esclarecer dúvidas. As duplicidades identificadas entre as referências selecionadas foram descartadas e, assim, foi definido o *corpus* de análise em sua versão final. Procedeu-se a recuperação de todas as referências que constituíram o *corpus* de análise e os textos completos foram, então, submetidos a uma leitura exaustiva, também realizada de modo independente por dois pesquisadores.

---

para tanto, sobretudo a nível internacional. No presente estudo, considerou-se pertinente empregá-lo levando-se em conta que o contato prévio com pesquisas psicanalíticas sobre o imaginário coletiva revelou que todas elas são de natureza qualitativa.

O procedimento de análise foi organizado em função dos dois objetivos específicos do presente estudo. Portanto, em um primeiro momento, foram identificados e sumarizados os objetivos, os participantes, os procedimentos de coleta de dados e os resultados das referências selecionadas. Em um segundo momento, as mesmas foram avaliadas de acordo com a adaptação do *Guia RATS* proposta por Taquette e Minayo (2016). Logo, procedeu-se a identificação e a pontuação de indicadores de consistência metodológica concernentes a relevância, adequação, transparência e solidez. Por fim, ainda acompanhando as autoras em questão, foi efetuada a classificação de cada uma das referências selecionadas em três categorias: (1) “consistente”, quando apresentava de 12 a 15 indicadores; (2) “pouco consistente”, quando apresentava de 8 a 11 indicadores e (3) “inconsistente”, quando apresentava 7 indicadores ou menos.

## **Resultados e Discussão**

As buscas realizadas junto às bases de dados subsidiaram, no total, a localização de 99 referências. Após a aplicação do critério de inclusão e o descarte de duplicidades, restaram 23 referências, a saber: Manna, Leite e Aiello-Vaisberg (2018); Visintin e Aiello-Vaisberg, (2017); Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg (2017); Silva e Peres (2016); Granato e Aiello-Vaisberg (2016); Alves e Peres (2015); Simões, Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg (2014); Tachibana, Ambrosio, Beaune e Aiello-Vaisberg (2014); Fialho, Montezi, Ambrosio e Aiello-Vaisberg (2014); Cambuí e Neme (2014); Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg (2014); Assis, Fernandes e Aiello-Vaisberg (2014); Gallo-Belluzzo, Corbett e Aiello-Vaisberg (2013); Miranda, Serafini e Baracat (2012); Montezi, Zia, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011); Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011); Pontes, Barcelos, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2010); Barreto e Aiello-Vaisberg (2010); Russo, Couto e Aiello-Vaisberg (2009); Martins e Aiello-Vaisberg (2009); Ribeiro, Tachibana e Aiello-

Vaisberg (2008); Pontes, Cabrera, Ferreira e Aiello-Vaisberg (2008); Ávila, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008). A Tabela 1 apresenta cada uma delas, identificando seus autores, objetivos, participantes e procedimentos de coleta de dados. Já a Tabela 2 sintetiza os respectivos resultados.

A Tabela 1 evidencia que, considerando-se o *corpus* de análise como um todo, houve uma significativa diversificação quanto aos objetivos das referências selecionadas, pois as mesmas examinaram psicanaliticamente o imaginário coletivo acerca de uma ampla gama de fenômenos, como a inclusão escolar, as dificuldades sexuais, o envelhecimento, a maternidade e o abandono infantil, dentre outros. Além disso, os participantes foram constituídos por uma pluralidade de grupos sociais – com destaque para estudantes universitários e profissionais de saúde e educação – que vivenciavam pessoalmente ou não o fenômeno investigado. Parece razoável propor que esse conjunto de características das referências selecionadas realça a versatilidade do conceito de imaginário coletivo, pois aponta que o mesmo pode nortear pesquisas com propósitos e públicos variados.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, destacou-se a utilização recorrente – em entrevistas individuais ou coletivas – do Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). Trata-se de uma estratégia de investigação dialógica criada por Aiello-Vaisberg (1999) para facilitar a expressão subjetiva de maneira lúdica e articulada ao viver coexistencial. É preciso esclarecer que o PDE-T abrange processos expressivo-motores e aperceptivo-dinâmicos, assim como possui uma identidade gráfico-verbal, pois a tarefa proposta consiste em solicitar ao sujeito a produção de um desenho sobre o assunto em pauta, a criação de uma estória a respeito do desenho e a elaboração de um título para a estória, sendo que, ao final, o pesquisador pode realizar perguntas para esclarecer aspectos que considerar necessários sobre o desenho ou a estória.

Tabela 1

*Distribuição das referências selecionadas por autores/ano de publicação, objetivo, participantes e procedimentos de coleta de dados*

<b>Autores / ano de publicação</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Participantes</b>	<b>Procedimentos de coleta de dados</b>
Manna, Leite e Aiello-Vaisberg / 2018	Compreender o imaginário coletivo de idosas sobre o envelhecimento	Idosas (n=9)	Entrevista grupal norteada pela aplicação do PDE-T
Visintin e Aiello-Vaisberg / 2017	Compreender o imaginário coletivo sobre a maternidade segundo postagens em <i>mommy blogs</i>	Não se aplica	Levantamento e seleção de postagens sobre o tema em <i>mommy blogs</i> brasileiros
Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg / 2017	Compreender o imaginário coletivo sobre a mãe que abandona seu bebê segundo notícias jornalísticas	Não se aplica	Levantamento e seleção de notícias jornalísticas sobre o tema em <i>site</i> que reproduz material publicado em jornais impressos
Silva e Peres / 2016	Compreender o imaginário coletivo de agentes comunitárias de saúde sobre usuários de saúde mental	Agentes comunitárias de saúde (n=6)	Grupo psicanalítico de discussão desenvolvido ao longo de quatro encontros
Granato e Aiello-Vaisberg / 2016	Compreender o imaginário coletivo de estudantes universitários sobre a maternidade	Estudantes dos cursos de Pedagogia e Psicologia (n=58)	Abordagem coletiva norteada pela complementação, pelos participantes, de uma história fictícia sobre a maternidade, previamente elaborada pelas pesquisadoras
Alves e Peres / 2015	Compreender o imaginário coletivo de agentes comunitárias de saúde sobre o uso/abuso de álcool e outras drogas	Agentes comunitárias de saúde (n=7)	Grupo psicanalítico de discussão desenvolvido ao longo de sete encontros
Simões, Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg / 2014	Compreender o imaginário coletivo de profissionais de saúde sobre o envelhecimento	Profissionais de saúde, sendo médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais, psicólogos, farmacêuticos, assistentes sociais, educadores físicos,	Entrevista individual norteada pela apresentação de 10 fotos de pessoas de diferentes faixas etárias e expressões fisionômicas em variadas situações cotidianas

		enfermeiros e nutricionistas (n=17)	
Tachibana, Ambrosio, Beaune e Aiello-Vaisberg / 2014	Compreender o imaginário coletivo de profissionais de Enfermagem sobre a mulher cuja gravidez foi interrompida	Enfermeiras (n=4), técnicas de Enfermagem (n=10) e assistentes de Enfermagem (n=4)	Entrevista individual norteada pela utilização do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas, pelas pesquisadoras
Fialho, Montezi, Ambrosio e Aiello-Vaisberg / 2014	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre a “vida saudável”	Estudantes de Educação Física (n=27)	Entrevista grupal norteada pela utilização do PDE-T
Cambuí e Neme / 2014	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia acerca do sofrimento psíquico contemporâneo	Estudantes de Psicologia (n=17)	Entrevista grupal norteada pela aplicação do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas, pelas pesquisadoras
Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg / 2014	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre dificuldades sexuais	Estudantes de Psicologia (n=47)	Entrevista grupal norteada pela aplicação do PDE-T
Assis, Fernandes e Aiello-Vaisberg / 2014	Compreender o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes	Idosos (n=6)	Entrevista individual norteada pela aplicação do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas, pelas pesquisadoras
Gallo-Belluzzo, Corbett e Aiello-Vaisberg / 2013	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia em sobre o primeiro atendimento clínico	Estudantes de Psicologia em formação clínica (n=52)	Entrevista grupal norteada pela aplicação do PDE-T
Miranda, Serafini e Baracat / 2012	Compreender o imaginário coletivo de médicos sobre situações de difícil manejo no contexto da reprodução assistida	Médicos no exercício da reprodução assistida (n=22)	Entrevista individual norteada pela utilização do PDE-T
Montezi, Zia, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2011	Compreender o imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo	Professoras do Ensino Médio (n=6)	Entrevista grupal norteada pela aplicação do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas, pelas pesquisadoras

Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2011	Compreender o imaginário coletivo de enfermeiras sobre o cuidado materno	Enfermeiras obstétricas (n=14)	Entrevista individual norteada pela complementação, pelas participantes, de uma história fictícia sobre conflitos relativos à maternidade, previamente elaborada pelas pesquisadoras
Pontes, Barcelos, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2010	Compreender o imaginário coletivo de adolescentes sobre a gravidez precoce	Adolescentes (n=13)	Abordagem coletiva norteada pela utilização do PDE-T
Barreto e Aiello-Vaisberg / 2010	Compreender o imaginário coletivo de adolescentes interioranos sobre a saída da casa paterna	Adolescentes interioranos (n=6)	Consultas terapêuticas coletivas norteadas pela utilização do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas pelas pesquisadoras
Russo, Couto e Aiello-Vaisberg / 2009	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência	Estudantes de Educação Física (n=30)	Abordagem coletiva norteada pelo PDE-T
Martins e Aiello-Vaisberg / 2009	Compreender o imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas	Estudantes de Direito (n= 55)	Abordagem coletiva norteada pelo PDE-T
Pontes, Cabrera, Ferreira e Aiello-Vaisberg / 2008	Compreender o imaginário coletivo de professores sobre a criança adotada	Professoras do Ensino Fundamental (n=20)	Entrevista individual norteada pela utilização do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas pelas pesquisadoras
Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2008	Compreender o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre a primeira entrevista diagnóstica	Estudantes de Psicologia em formação clínica (n=19)	Entrevista grupal norteada pela utilização do PDE-T e redação de narrativas psicanalíticas pelas pesquisadoras
Ávila, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2008	Compreender o imaginário coletivo de professores do ensino superior sobre a inclusão escolar	Professores dos cursos de Letras e de Pedagogia (n=12)	Entrevista grupal norteada pela utilização do PDE-T

Tabela 2

*Distribuição das referências selecionadas por resultados*

<b>Autores / ano de publicação</b>	<b>Principais resultados</b>
Manna, Leite e Aiello-Vaisberg / 2018	O “ser idoso” foi associado à fragilidade e ao desamparo por parte da família e da sociedade, mas a velhice foi compreendida como o resultado da história de vida de cada um, de modo que aquele que segue a “receita do bem viver” será bem-sucedido
Visintin e Aiello-Vaisberg / 2017	Foram demarcadas crenças em função das quais a verdadeira felicidade da mulher dependeria da maternidade, pois ser mãe biológica constituiria uma missão de vida universal
Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg / 2017	A mãe que abandona seu bebê foi qualificada como uma pessoa cruel e criminosa, que o faz como consequência do desespero e do abuso de drogas
Silva e Peres / 2016	Verificou-se a coexistência de sentimentos de receio e comiseração em relação a usuários de saúde mental e a tendência ao enquadramento de psicofármacos como únicos recursos no tratamento
Granato e Aiello-Vaisberg / 2016	Observou-se idealização das figuras materna e paterna, com a primeira aceitando incondicionalmente seu filho, apesar dos sacrifícios necessários, e a segunda demonstrando força e capacidade de proteção
Alves e Peres / 2015	Emergiram crenças segundo as quais a atenção em saúde a usuários de álcool e outras drogas dependeria da disponibilidade, por parte dos mesmos, de interromper totalmente o consumo de tais substâncias
Simões, Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg / 2014	Foram captadas duas crenças e emoções ambivalentes, pois a velhice, de acordo com uma delas, implicaria em intenso sofrimento psíquico, ao passo que, conforme a outra, idosos conseguiriam ter uma vida saudável e prazerosa, com possibilidade de manutenção de vínculos afetivos significativos
Tachibana, Ambrosio, Beaune e Aiello-Vaisberg / 2014	A interrupção da gestação foi enquadrada como um evento de caráter apocalíptico, o qual lançaria a mulher em uma agonia enlouquecedora e somente poderia ser perpetrado por alguém insensível e cruel
Fialho, Montezi, Ambrosio e Aiello-Vaisberg / 2014	Notou-se a predominância da crença de que a saúde seria um estado que dependeria, fundamentalmente, daquilo que cada um, como agente individual, pode realizar

Cambuí e Neme / 2014	As ideias e emoções demarcadas indicam que o sofrimento psíquico contemporâneo decorre da solidão e do desamparo, bem como de angústias impensáveis e experiências aflitivas, sendo que o contato amadurecido com o mesmo exigiria a capacidade de preocupar-se com o outro. Em contrapartida, o contato com o sofrimento psíquico foi concebido como extremamente perturbador, em particular quando associado a uma representação falseada da realidade, embora seja considerado tanto um reflexo das atuais configurações sociais quanto algo inerente à condição humana
Corbett, Ambrosio, Gallo-Belluzzo e Aiello-Vaisberg / 2014	Problemas sexuais masculinos foram associados a distúrbios do funcionamento corporal, à ausência de afeto nas relações, a dúvidas quanto a si próprio e à rejeição, por parte da sociedade, de manifestações sexuais divergentes daquelas características da heterossexualidade
Assis, Fernandes e Aiello-Vaisberg / 2014	Adolescentes foram classificados como seres problemáticos, pois causam problemas para si mesmos e para pessoas que os cercam em virtude do modo como se comportam, assim como não foram reconhecidos como uma coletividade que compartilha necessidades próprias
Gallo-Belluzzo, Corbett e Aiello-Vaisberg / 2013	Constatou-se que o valor do atendimento clínico está atrelado à realização pessoal dos alunos, mas muitos deles não se sentem devidamente preparados para tal atividade, além de que se observou que a escolha da Psicologia como profissão é associada a experiências prévias de sofrimento e que o psicólogo é visto como capaz de curar qualquer paciente
Miranda, Serafini e Baracat / 2012	Foram captadas crenças segundo as quais os médicos devem saber controlar seus sentimentos, ainda que isso implique no distanciamento em relação aos pacientes por meio do discurso técnico, e também devem responder às demandas dos pacientes, pois supostamente detém um saber sobre o outro
Montezi, Zia, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2011	O ser adolescente foi relacionado diretamente a um viver vazio, ao sofrimento e à incapacidade de fazer escolhas com o devido discernimento
Granato, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2011	Foi observada a crença em um destino comum a todas as gestantes, que seria marcado pelo nascimento de uma criança saudável, com o apoio do marido e da equipe do hospital, de forma que não seria aceitável uma eventual rejeição materna
Pontes, Barcelos, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2010	A gravidez precoce foi vista como uma punição à menina que cedeu à relação sexual, pois tal comportamento foi equiparado a uma transgressão
Barreto e Aiello-Vaisberg / 2010	Foram captados indicadores de experiências emocionais fusionadas e confusas em relação à saída da casa paterna, da compreensão da adolescência como um lugar concreto e da vida adulta como um período problemático e frustrante, além de dúvidas e inseguranças quanto às próprias ações

Russo, Couto e Aiello-Vaisberg / 2009	A deficiência foi associada à tristeza, à rejeição e ao desespero e suscitou uma preocupação defensiva com a resolução de questões ligadas ao espaço físico, o que não eliminou, porém, a possibilidade de posturas sensíveis
Martins e Aiello- Vaisberg / 2009	Conforme as crenças captadas, cabe ao homem a responsabilidade de proporcionar satisfação sexual à mulher, sendo que o vínculo do casal tende a ser afetado por dificuldades sexuais masculinas, as quais, inclusive, poderiam decorrer de desejos homossexuais
Pontes, Cabrera, Ferreira e Aiello-Vaisberg / 2008	Observou-se que a infertilidade se destacou como a principal motivação para a adoção e foi recorrente a fantasia de deparar-se com uma criança desamparada que, ao ser adotada, seria salva
Ribeiro, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2008	Pacientes que não se mostram participativos durante o atendimento clínico suscitam frustração, mas prevalece a imagem de um terapeuta “ <i>expert</i> ”, de natureza ideal, ao mesmo tempo em que há medo no tocante à possível reprovação pelo paciente nas primeiras entrevistas clínicas e expectativa quanto ao estabelecimento de uma conexão significativa e profunda com o mesmo
Ávila, Tachibana e Aiello-Vaisberg / 2008	O estudante portador de necessidades especiais foi definido de acordo com as limitações inerentes à deficiência e concebido como um indivíduo em sofrimento psíquico, cujo “lugar” não é claro e com o qual somente é possível se relacionar através da intermediação materna

Vale mencionar que o PDE-T deriva do Procedimento de Desenhos-Estórias (PDE), o qual foi proposto no contexto do psicodiagnóstico compreensivo por Trinca (1976) como meio de sondagem de conteúdos e processos psíquicos em geral e envolve, basicamente, a solicitação de um conjunto de desenhos livres e a criação de estórias sobre os mesmos. Assim, tanto o PDE-T quanto o PDE são indicados para a coleta de dados em pesquisas que se inserem em um paradigma científico que privilegia o encontro inter-humano. Ambos têm em comum também o fato de favorecerem a comunicação de material não-consciente. Por outro lado, cabe assinalar que o PDE-T se distingue por ser de utilização mais simples do que o PDE, de forma que se adapta com maior facilidade a sujeitos com diferentes características e em distintas condições vivenciais.

Já a Tabela 2 ilustra que os resultados das referências selecionadas possibilitaram, mediante a interpretação psicanalítica, a demarcação de estereótipos e preconceitos ancorados em ideias, crenças e emoções não-conscientes – e, precisamente por isso, eventualmente incongruentes entre si – acerca dos fenômenos investigados, inclusive por parte daqueles que os vivenciam pessoalmente. Na maioria dos casos, os resultados foram organizados em campos de sentido afetivo-emocional, os quais correspondem, com consonância com Tachibana (2011), a lugares existenciais que se produzem a partir das interações sociais e, assim, moldam o imaginário coletivo. Portanto, um indivíduo pode transitar de um campo de sentido afetivo-emocional para outro conforme experimenta novos ambientes humanos, sendo que tal movimento, quando promove amadurecimento, cria espaço para a superação de preconceitos e estereótipos (Aiello-Vaisberg & Machado, 2008).

A partir da avaliação dos indicadores de consistência metodológica estabelecidos pelo *Guia RATS*, 17 das 23 referências selecionadas (73,9%) foram classificadas como “consistentes”, sobretudo porque identificou-se que apresentavam: (1) clareza quanto à definição do objetivo e do referencial teórico, (2) descrição apropriada dos procedimentos de

coleta de dados e aspectos éticos, e (3) adequação no que diz respeito ao instrumento utilizado e ao diálogo estabelecido entre os resultados reportados e a literatura especializada. Em contrapartida, muitas das referências que obtiveram tal classificação não informaram como se deu a entrada do pesquisador no campo, o que é considerado uma fragilidade do ponto de vista da transparência.

Nenhuma referência selecionada foi considerada “inconsistente”. Mas 6 referências (26,1%) foram classificadas como “pouco consistentes”, em consonância com os indicadores elencados no *Guia RATS*, pois apresentaram, principalmente, os seguintes problemas: (1) o método escolhido não se encontrava devidamente justificado, (2) os critérios de inclusão dos participantes não foram explicitados, (3) a entrada do pesquisador no campo não foi discutida, (4) os dados sobre o cenário do estudo prescindiam de maiores detalhes, (5) a menção aos aspectos éticos foi superficial e (6) a articulação entre as interpretações e o material empírico não se encontrava suficientemente estabelecida. Portanto, as referências em pauta deixaram a desejar no tocante a indicadores de adequação e transparência, sobretudo.

Cumprе assinalar que, em qualquer pesquisa, é recomendável que a escolha do método empregado se encontre justificada, pois o mesmo abrange todas as etapas do caminho trilhado pelo pesquisador para atingir o objetivo visado e, conseqüentemente, deve se coadunar com a natureza daquilo que se pretende conhecer e com o tipo de respostas que se espera obter, como bem observou Augusto (2014). Para tanto, conforme acrescenta a autora, faz-se necessário evitar a naturalização dos “hábitos de pesquisa”, uma vez que a opção por um determinado método – traduzindo-se na utilização de um certo procedimento para a coleta de dados em detrimento de outro possível, por exemplo – não pode ser reduzida a uma questão de preferência do pesquisador. É possível ainda propor que uma estratégia proveitosa no sentido de colocar em relevo a pertinência do método empregado – qualitativo, via de regra – em pesquisas psicanalíticas futuras sobre o imaginário coletivo é a enunciação dos atributos

do objeto de estudo, a julgar pelo fato de que o mesmo passou a ser tematizado recentemente no âmbito de tal referencial teórico-metodológico.

Seria igualmente interessante se, nessas pesquisas, fosse conferida atenção especial à apresentação dos critérios de inclusão dos participantes, ou, mais precisamente, de informações detalhadas sobre os mesmos enquanto grupo social. Tachibana (2011) esclarece que, partindo do princípio de que o homem é um ser gregário, em investigações sobre o imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica os participantes devem ser tomados como uma personalidade coletiva, e não examinados como uma singularidade individual. Mas parece razoável concluir que isso é possível quando os participantes de fato possuem as características definidas como essenciais para que os objetivos estabelecidos pelo pesquisador possam ser atingidos, o que, portanto, deve ficar claro para o leitor. Ademais, ressalte-se que as pesquisas psicanalíticas em geral se distanciam das premissas positivistas ao reconhecerem que o pesquisador e os participantes de sua pesquisa são entidades dependentes uma da outra<sup>16</sup> (Silva, 1993).

Por essa mesma razão, sugere-se que a entrada do pesquisador no campo seja discutida – se possível em articulação com os cuidados éticos observados nesse processo – e se descreva pormenorizadamente o cenário do estudo. Afinal, como asseverou Minayo (2011), o principal verbo a ser conjugado em uma pesquisa qualitativa – independentemente de seu tema – é compreender, o que exige do pesquisador a capacidade de colocar-se no lugar do outro. E, para tanto, há que se levar em conta o fato de que as experiências e as vivências dos participantes são atravessadas pela cultura do grupo social de que fazem parte. Igualmente é preciso, ainda conforme a autora, que a aproximação do pesquisador em relação ao campo seja pautada por um olhar analítico capaz de preservar sua abertura a novas informações, as quais, inclusive, podem revelar a necessidade de revisão de suas hipóteses iniciais.

---

<sup>16</sup> O mesmo, a propósito, se aplica a qualquer pesquisa qualitativa, como salienta Augusto (2014).

Por fim, recomenda-se que, em novas pesquisas psicanalíticas sobre o imaginário coletivo, a conexão entre as interpretações do pesquisador e o material empírico seja estabelecida de maneira consistente, em contraste com o que ocorreu em parte das referências selecionadas. Em primeiro lugar, porque, à luz da Psicanálise, reconhece-se que ao pesquisador compete promover uma interlocução entre os níveis mais subjetivos e mais objetivos do material empírico, lembrando que, de qualquer modo, a relatividade se afigura como uma característica inerente ao conhecimento científico (Silva, 1993). Em segundo lugar, porque, em pesquisas qualitativas, o pesquisador deve impregnar-se das informações provenientes do campo para que se possa conferir o devido espaço e tempo ao material empírico e, como consequência, não seja contaminado com interpretações precipitadas e tampouco pela pretensão de atingir a última palavra acerca de seu objeto de estudo (Minayo, 2011).

### **Considerações finais**

O presente estudo viabiliza um mapeamento dos artigos empíricos que se prestaram à exploração psicanalítica do imaginário coletivo e foram localizados nas bases de dados consultadas. Em síntese, constatou-se, mediante a identificação de suas principais tendências, que a produção científica nacional consagrada ao assunto proporciona, em diferentes públicos, a demarcação do cerne não-consciente das subjetividades grupais no tocante a uma variedade de fenômenos, bem como evidencia que o imaginário coletivo, conforme psicanaliticamente concebido, não se resume a um conjunto de conteúdos exclusivamente intrapsíquicos, mas, sim, abarca diversas manifestações humanas conectadas a regiões intersubjetivas que se constroem a partir das interações cotidianas. Verificou-se também que, de forma geral, as referências selecionadas podem ser consideradas consistentes do ponto de vista metodológico. Não obstante, foram sinalizados alguns cuidados a serem observados em pesquisas futuras,

para que as mesmas possam auxiliar a consolidar o conceito de imaginário coletivo no vocabulário psicanalítico contemporâneo.

## Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia. *Tese de livre-docência*. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: J. Monzani, & L. R. Monzani (Orgs.), *Olhar: Fábio Herrmann - uma viagem psicanalítica* (pp. 311-324). São Carlos: Pedro & João.

Alves, A. F., & Peres, R. S. (2015). Imaginário coletivo de agentes comunitárias de saúde sobre álcool e outras drogas. *Psicologia em Estudo*, 20(2) 225-234. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i2.25051>

Augusto, A. (2014). Metodologias quantitativas/metodologias qualitativas: mais do que uma questão de preferência. *Forum Sociológico*, 24, 1-8. <https://doi.org/10.4000/sociologico.1073>

Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). "Problemáticos ou invisíveis": o imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum*, 31, 259-275.

Ávila, C. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, 18(39), 155-164. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100014>

Barreto, M. A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16(2), 310-329. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2010v16n2p310>

Bleger, J. (1989). *Psicologia da conduta* (2ª ed.) (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Cambuí, H. A., & Neme, C. M. B. (2014). O sofrimento psíquico contemporâneo no imaginário de estudantes de psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 75-88. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n2p75-88>

Clark, J. P. (2003). How to peer review a qualitative manuscript. In: F. Godlee, & T. Jefferson (Orgs.), *Peer review in Health Sciences* (pp. 219-235). London: BMJ Books.

Corbett, E., Ambrosio, F. F., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 756-765. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300024>

Ferreira-Teixeira, M. C. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maldade, drogas ou desespero: o imaginário sobre a mãe que abandona seu bebê. *Memorandum*, 33, 128-141.

Fialho, A., Montezi, A. V. M., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário de estudantes de educação física sobre vida saudável. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(3), 626-631. <https://doi.org/10.1590/2179-325520143630005>

Gallo-Belluzo, S. R., Corbett, E., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). O primeiro atendimento clínico no imaginário de estudantes de psicologia. *Paidéia*, 23(56), 389-396. <https://doi.org/10.1590/1982-43272356201313>

Gonçalves, M. (2008). O imaginário coletivo de professores de ioga brasileiros: um estudo sobre campos psicológicos. *Tese de doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo sobre a maternidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(1), 25-35. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000100004>

Granato, T. M. M., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Narrativas interativas na investigação do imaginário coletivo de enfermeiras obstétricas sobre o cuidado materno. *Psicologia & Sociedade*, 23(n. spe.), 81-89. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000400011>

Manna, R. E., Leite, J. C. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. *Saúde e Sociedade*, 27(4), 987-996. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018180888>

Martins, P. C. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e imaginário coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31(2), 18-35.

Minayo, M. C. S. (2011). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>

Miranda, K. L., Serafini, P. C., & Baracat, E. C. (2012). O cuidado psicológico em reprodução assistida: um enquadre diferenciado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(1), 71-79. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000100008>

Montezi, A. V., Zia, K. O., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000200013>

Pontes, M. L. S., Barcelos, T. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 85-96.

Pontes, M. L. S., Cabrera, J. C., Ferreira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300010>

Ribeiro, D. P. S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, 28, 135-145.

Russo, R. C. T., Couto, T. H. A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 250-255. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200012>

Silva, M. A. B. P., & Peres, R. S. (2016). O imaginário coletivo de agentes comunitários de saúde em relação a usuários de saúde mental. *Vínculo*, 13(2), 55-65.

Silva, M. E. L. (1993). Pensar em Psicanálise. In: M. E. L. Silva (Org.), *Investigação e Psicanálise* (pp. 11-25). Campinas: Papyrus.

Simões, C. H. D. (2012). Sofredores, impostores e vítimas da sociedade: imaginário de uma equipe de saúde mental sobre o paciente psiquiátrico. *Tese de doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 64(140), 65-77.

Soares, C. B., Hoga, L. A. K., Peduzzi, M., Sangaleti, C., Yonekura, T., & Silva, D. R. A. D. (2014). Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na Enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(2), 335-345. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234201400002000020>

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8(1), 1, 102-106. <https://doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

Tachibana, M. (2011). Fim do mundo: o imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a gestação interrompida. *Tese de doutorado*. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP.

Tachibana, M., Ambrosio, F. F., Beaune, D., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário coletivo da equipe de enfermagem sobre a interrupção da gestação. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 17(2), 285-297. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982014000200009>

Taquette, S. R., & Minayo, M. C. S. (2016). Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 26(2) 417-434. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312016000200005>

Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática*. Interlivros: Belo Horizonte.

Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em mommy blogs brasileiros. *Psicologia: Teoria e Prática*, 19(2), 98-107. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107>

## ESTUDO 2

### Depressão e trabalho:

#### relações segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários

#### Introdução

No campo da saúde mental, o termo “depressão”, por um lado, tem sido utilizado para aludir a uma condição transitória de tristeza que revela uma variação normal do tônus afetivo de um indivíduo (Nunes Filho, Bueno & Nardi, 2005). Por outro lado, o mesmo termo, de modo genérico, também se presta à designação de um conjunto de transtornos mentais cujo denominador-comum é a tristeza persistente associada a uma ampla gama de perturbações cognitivas, ideativas e neurovegetativas, como observou Dalgarrondo (2008). Um estado momentâneo de tristeza pode provocar sofrimento psíquico significativo, mas as síndromes depressivas são capazes de prejudicar o funcionamento psicossocial como um todo, inclusive inviabilizando a realização de atividades diárias básicas, em alguns casos.

Portanto, a depressão, configurando-se ou não como um quadro de adoecimento, tende a impactar negativamente – com maior ou menor severidade – em diferentes esferas da vida do sujeito que a vivencia. Sendo assim, não resta dúvida de que a depressão tem o potencial de ocasionar variadas repercussões profissionais, quer seja para o trabalhador ou para o empregador. As síndromes depressivas, a propósito, são apontadas como a principal causa de incapacidade laboral a nível global (World Health Organization, 2017). Ademais, Ribeiro, Santos, Silva, Medeiro e Fernandes (2019) verificaram, por meio de uma revisão da literatura internacional, que a ocorrência de sintomas depressivos em um trabalhador compromete sua produtividade, intensifica seu absenteísmo e pode levá-lo ao desemprego ou à dependência de auxílio-doença. E cumpre assinalar que, reconhecendo a importância do problema no âmbito

nacional, a Associação Médica Brasileira recentemente definiu diretrizes para o diagnóstico e o tratamento da depressão no contexto do trabalho (Domingos Neto et al., 2019).

Para além disso, há que se considerar que, nas últimas décadas, o trabalho se consolidou como um elemento central da existência humana. Dessa forma, acredita-se que uma vida desprovida de sentido no meio laboral provavelmente conduzirá a uma vida desprovida de sentido também fora dele (Antunes, 2013). Mas o trabalhador contemporâneo muitas vezes é submetido tanto a sobrecargas quanto a subcargas psíquicas, dentre as quais, respectivamente, a pressão por produção e a fragmentação do processo de trabalho, como observaram Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018). Nesse cenário, o trabalho se converte em uma importante fonte de desprazer, o que, conforme os referidos autores, tipicamente, resulta em sofrimento psíquico e, em última instância, ocasiona transtornos mentais. Quando isso ocorre, é possível estabelecer um nexos causal entre trabalho e adoecimento, inclusive por depressão (Borsoi, 2007).

Contudo, parece razoável propor que as relações existentes entre depressão e trabalho ainda não podem ser consideradas suficientemente compreendidas. Isso pode ser atribuído, ao menos em parte, ao fato de que, como revelou o levantamento bibliográfico realizado para os fins do presente estudo, as pesquisas consagradas especificamente ao assunto, a despeito de apresentarem enfoques diversificados, têm sido desenvolvidas predominantemente junto a categorias profissionais específicas. No Brasil, nomeadamente, se sobressai, nos últimos anos, o interesse da comunidade científica pela exploração da temática em amostras constituídas por diferentes profissionais de saúde (Gonzalez et al., 2017; Aragão, Andrade, Mota, Aragão & Reis, 2014; Gomes & Oliveira, 2013), de educação (Baptista, Soares, Raad & Santos, 2019; Silva, Bolsoni-Silva & Loureiro, 2018; Cavalheiro & Tolfo, 2011) e também bancários (Linhares & Siqueira, 2014, Valente, 2014).

Como consequência, outras categorias profissionais vêm sendo negligenciadas, a exemplo daquela composta por comerciários. Temos conhecimento de apenas uma pesquisa nacional que trata da questão da depressão no universo do comércio, a qual foi assinada por Cenci (2004). A autora, analisando qualitativamente dados coletados por meio de entrevistas e grupos focais, concluiu que, entre comerciários – e também bancários – de uma cidade da região Sul do Brasil, a depressão comumente é compreendida a partir de um sistema de explicação individualista, segundo o qual um sujeito deprimido seria o único responsável tanto por seu adoecimento quanto por sua recuperação. Paradoxalmente, notou que o sofrimento psíquico associado à depressão é legitimado apenas quando comprovado medicamente e, como consequência, tratado com psicofármacos.

As relações existentes entre depressão e trabalho especificamente no tocante a comerciários igualmente têm recebido pouca atenção dos pesquisadores no âmbito internacional. Na contramão dessa tendência, Han et al. (2018), na Coreia do Sul, investigaram quantitativamente o assunto em uma amostra numericamente representativa de profissionais do comércio, sendo que, para tanto, recorreram à utilização de diversos instrumentos de autorrelato. Os autores, em linhas gerais, constataram que, quanto mais as demandas laborais implicam na ocultação de emoções, maior o risco de depressão. Tal achado é relevante considerando-se que comerciários geralmente se veem obrigados a se comunicar de maneira padronizada, sempre demonstrando gentileza e simpatia pelos clientes (Wharton, 2009).

Cenci (2004) elencou outras duas justificativas básicas para o empreendimento de novas pesquisas concernentes à temática da depressão junto a comerciários. Em primeiro lugar, porque os mesmos lidam diretamente com pessoas, e isso constitui um estressor ocupacional. Em segundo lugar, porque o ramo de vendas é pouco valorizado socialmente, o que conduz à insatisfação profissional. E parece razoável acrescentar que comerciários podem

ser considerados especialmente suscetíveis a sintomas depressivos por estarem expostos ao desgaste emocional decorrente de negociações cotidianas no trabalho, bem como por serem constantemente pressionados a atingir rigorosas metas de vendas. Sendo assim, o presente estudo teve como objetivo compreender as relações existentes entre depressão e trabalho segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários.

## **Método**

### ***Marco teórico***

Trata-se de um estudo qualitativo, organizado em torno do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica a fim de viabilizar o fornecimento de subsídios originais e relevantes ao preenchimento de uma lacuna existente na literatura consagrada à questão da depressão no universo do comércio. Conforme Aiello-Vaisberg e Machado (2008), tal conceito, acompanhando desenvolvimentos teóricos da Psicanálise contemporânea, foi forjado para abarcar variadas manifestações humanas. Isso porque o imaginário coletivo, em termos psicanalíticos, diz respeito tanto a fenômenos simbólicos – como crenças, por exemplo – quanto a comportamentos concretos, operacionalizados por meio de uma ampla gama de atitudes. E, como esclarecem Manna, Leite e Aiello-Vaisberg (2018), o que unifica manifestações humanas aparentemente tão díspares é o fato de que todas elas possuem uma dimensão afetiva inconsciente.

Logo, o imaginário coletivo, à luz da Psicanálise, mescla elementos cognitivos e emocionais, afigurando-se como um complexo ideo-afetivo, majoritariamente não-consciente (Cambuí & Neme, 2014; Fialho, Montezi, Ambrosio & Aiello-Vaisberg, 2014). É importante esclarecer também que o imaginário coletivo resulta de elaborações individuais nutridas por experiências que são compartilhadas em grupos sociais. Conseqüentemente, pode ser apontado como o núcleo da subjetividade de um conjunto de pessoas e mostra-se

determinante do posicionamento das mesmas quanto a distintos tópicos (Silva & Peres, 2016). Em suma: o imaginário coletivo equivale, nas palavras de Aiello-Vaisberg e Ambrosio (2013), a um mundo transicional, ou seja, uma construção que se situa entre a realidade interna e a realidade externa. Tendo em vista o que precede, Rosa, Lima, Peres e Santos (2019) defendem que o conceito de imaginário coletivo constitui um importante acréscimo – nacional, vale destacar – ao vocabulário psicanalítico e, portanto, pode se revelar potencialmente proveitoso em pesquisas qualitativas voltadas à exploração de diferentes temáticas psicossociais.

### ***Participantes***

Os participantes do presente estudo foram nove comerciários, predominantemente do sexo feminino ( $n=6$ ), que atuavam em duas lojas de uma mesma rede varejista de móveis e eletrodomésticos. Conforme a Tabela 1, a idade dos participantes oscilou dos 20 aos 44 anos, o nível de escolaridade predominante foi o Ensino Médio ( $n=6$ ) e os cargos ocupados foram os seguintes: vendedor ( $n=3$ ), operador de caixa ( $n=2$ ), gerente ( $n=2$ ), gerente regional ( $n=1$ ) e jovem aprendiz ( $n=1$ ). A experiência dos mesmos no comércio variou de 6 meses a 21 anos, como também se vê na Tabela 1. Por fim, ressalte-se que os participantes foram selecionados por conveniência, ou seja, em função da facilidade de acesso por parte dos pesquisadores, como geralmente ocorre em estudos qualitativos.

Tabela 1

*Caracterização dos participantes em termos de idade, sexo, cargo, escolaridade e tempo de experiência no comércio*

Participante	Idade	Sexo	Cargo	Escolaridade	Tempo de experiência no comércio
1	37 anos	Feminino	Operador de caixa	Ensino Médio	2 anos
2	44 anos	Masculino	Gerente	Ensino Médio	20 anos
3	36 anos	Feminino	Vendedor	Ensino Superior	7 anos e 2 meses
4	23 anos	Feminino	Vendedor	Ensino Médio	5 anos
5	26 anos	Masculino	Vendedor	Ensino Médio	1 anos 6 meses
6	44 anos	Feminino	Gerente regional	Ensino Superior	21 anos
7	23 anos	Feminino	Operador de caixa	Ensino Médio	3 anos
8	20 anos	Feminino	Jovem aprendiz	Ensino Médio	6 meses
9	29 anos	Masculino	Gerente	Ensino Superior	10 anos

### ***Cenário***

As duas lojas que constituíram o cenário do presente estudo se localizam em um mesmo município de pequeno porte do interior de Minas Gerais. Porém, cumpre assinalar que a rede varejista de móveis e eletrodomésticos em pauta atualmente conta com mais de 150 unidades físicas, distribuídas em diversos Estados do país, em especial nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Por fim, é importante informar que a empresa possui origem familiar, mas recentemente converteu-se em sociedade anônima, na medida em que teve seu capital dividido em ações.

### ***Instrumento***

O instrumento utilizado no presente estudo foi uma entrevista grupal norteada pelo Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (PDE-T). Tal instrumento tem sido recorrente em pesquisas desenvolvidas em torno do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica, a exemplo daquelas assinadas por Manna, Leite e Aiello-Vaisberg (2018), Cambuí e Neme (2014) e Montezi, Zia, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2011), dentre outras. Isso porque o PDE-T se afigura como uma estratégia investigativa de caráter lúdico, a qual viabiliza a configuração de encontros inter-humanos que se pretendem facilitadores de experiências criadoras (Aiello-Vaisberg, 1999). Ademais, conforme Aiello-Vaisberg e Ambrosio (2013), o PDE-T proporciona uma materialidade propícia à expressão de conteúdos não-conscientes, na medida em que, recorrendo à referida estratégia investigativa, o pesquisador, basicamente, solicita ao participante a elaboração de um desenho com um tema previamente definido em função do objetivo da pesquisa e, na sequência, a criação de uma estória sobre o desenho e de um título para a estória.

### *Coleta de dados*

O presente estudo foi autorizado pela Gerência de Recursos Humanos da empresa em pauta e, posteriormente, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia, por meio do Parecer 2.975.905, o qual, contudo, determinou que a coleta de dados não poderia ser conduzida pela principal autora do presente estudo, compreendendo que, caso contrário, os participantes estariam “sujeitos a uma condição de vulnerabilidade”. Ocorre que a mesma, à época, trabalhava na área de Recursos Humanos da rede varejista, em que pese o fato de que não exercia suas funções diretamente junto a todos os possíveis participantes. De qualquer forma, a determinação foi seguida, como será detalhado mais adiante.

A principal autora do presente estudo se limitou a divulgá-lo presencialmente, de modo individual, entre os possíveis participantes. Para tanto, inicialmente os informou sobre como, quando, onde e com qual finalidade a coleta de dados seria realizada. Em seguida, enfatizou que os possíveis participantes teriam o tempo que considerassem necessário para decidir, voluntariamente, sobre a participação, bem como explicou-lhes que eles poderiam declinar a qualquer momento, ou então solicitar a retirada de seus dados do presente estudo antes de sua divulgação. Outrossim, foi assegurado que a confidencialidade e a privacidade de cada um dos possíveis participantes seriam plenamente preservadas.

Tais providências foram tomadas pela principal autora do presente estudo junto a todos os profissionais do comércio ( $n=24$ ) das duas lojas da rede varejista na cidade. Não houve nenhuma recusa preliminar. Porém, de imediato, apenas cinco deles afirmaram que participariam. Os demais ( $n=19$ ) responderam que gostariam de fazê-lo, mas que necessitariam verificar se poderiam se ausentar de suas atividades. E, destes, somente quatro vieram a participar efetivamente. Cabe mencionar também que a coleta de dados foi conduzida por uma pesquisadora integrante do respectivo grupo de pesquisa, conforme a

determinação já referida do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia. Tal pesquisadora é psicóloga e possui ampla experiência com práticas grupais, sendo que recebeu do orientador do presente estudo o treinamento necessário para a realização da entrevista grupal norteada pelo PDE-T que, como mencionado, constituiu o instrumento do presente estudo.

A coleta de dados ocorreu em uma sala reservada, em uma das duas lojas às quais os participantes eram vinculados, em um período em que parte deles tradicionalmente se reunia, tendo em vista que encontros periódicos eram realizados no próprio ambiente de trabalho para o repasse de informações organizacionais. Assim, não houve ônus para os participantes em relação à participação no presente estudo. Deve-se destacar ainda que a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi obtida junto aos participantes pela pesquisadora responsável pela coleta de dados. E a mesma teve o cuidado ético de reforçar o compromisso com a confidencialidade e a privacidade de cada um deles.

A entrevista grupal norteada pelo PDE-T foi gravada em áudio com a devida anuência dos participantes e transcorreu de forma tranquila, sendo que teve duração de 1 hora e 18 minutos. Em um primeiro momento, a pesquisadora responsável pela coleta de dados solicitou aos participantes que, individualmente, desenhassem “uma pessoa com depressão”. Os mesmos – que se encontravam sentados e dispostos em círculo – foram orientados a utilizar os lápis e as folhas de papel que haviam acabado de receber. Em um segundo momento, os participantes foram solicitados a escrever, no verso das folhas de papel, uma estória sobre o desenho, bem como a atribuir-lhe um título. Em um terceiro momento, os participantes foram convidados a compartilhar seus desenhos e suas estórias, sendo que, à medida em que cada um deles o fez, a pesquisadora responsável pela coleta de dados solicitou informações adicionais a respeito das produções quando considerou necessário e estimulou o debate, abrindo espaço para que cada participante pudesse apresentar comentários e reflexões.

Por fim, é preciso esclarecer que a utilização do PDE-T pressupõe a concessão, pelo pesquisador, de ampla liberdade expressiva aos participantes. Justamente por essa razão optou-se, no presente estudo, por uma consigna apenas parcialmente diretiva, como, via de regra, ocorre quando se adota tal estratégia investigativa. Conforme observaram Russo, Couto e Aiello-Vaisberg (2009), o direcionamento necessário para que o objetivo da pesquisa possa ser atingido é proporcionado tanto pela instrução apresentada aos participantes durante o emprego do PDE-T quanto pelo cenário em que se dá a coleta de dados. As referidas autoras, por exemplo, ao investigarem o imaginário coletivo de estudantes de Educação Física sobre crianças com deficiências, solicitaram aos participantes que desenhassem “uma criança com problema”, pois consideraram que a temática da deficiência estava implícita, já que a coleta de dados foi executada especificamente junto a alunos de uma disciplina que tratava da inclusão de pessoas com necessidades especiais na prática de exercícios físicos.

### ***Análise de dados***

O *corpus* de análise foi constituído pela transcrição das verbalizações apresentadas pelos participantes durante a entrevista grupal, bem como, secundariamente, por seus desenhos e suas histórias. Dois pesquisadores – a principal autora e o orientador do presente estudo – submeteram tal material, de forma independente, a leituras flutuantes, especificamente direcionadas à formulação de interpretações acerca de seus sentidos não-conscientes. Essas interpretações foram, então, enriquecidas com base nos *insights* proporcionados pela discussão do *corpus* em uma reunião do respectivo grupo de pesquisa. Portanto, foi utilizada a estratégia de análise de dados que, como observaram Rosa, Lima, Peres e Santos (2019), se afigura como a mais recorrente em pesquisas voltadas à exploração do imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica. A propósito, essa estratégia encontra

respaldo nos movimentos técnicos preconizados por Herrmann (1979) para a produção de conhecimentos psicanalíticos, quer seja na clínica ou na pesquisa.

## Resultados

A análise dos dados subsidiou a captação de três campos de sentido, os quais foram assim denominados: (1) “Depressão-inaptidão”, (2) “Depressão-decepção” e (3) “Depressão-solidão”. O primeiro deles foi organizado em torno de uma crença de acordo com a qual, para a maioria dos participantes, o sujeito que sofre de depressão tende a se tornar incapaz de executar uma série de atividades diárias básicas. O Relato 1 é emblemático nesse sentido: “*Se você tiver depressão, você não consegue realizar nada. Você não raciocina, você não consegue prestar atenção em nada [...] Você não tem vontade*” (Participante 1). O Relato 2, por sua vez, elenca algumas esferas da vida em que a depressão impactaria negativamente: “[A depressão causa prejuízos] *De forma geral. Tanto em casa quanto na rua... Entre amigos, tanto no trabalho, em outras áreas também*” (Participante 4).

Contudo, em diversos momentos os participantes sublinharam que as repercussões da depressão se revelariam de maneira particularmente acentuada no contexto do trabalho. Um deles o fez ao caracterizar o personagem de sua estória, como se vê no Relato 3: “*Ele [o personagem] perde a noção das responsabilidades. Em relação ao trabalho, por exemplo. Algumas responsabilidades não vão ser cumpridas por conta da depressão, por não querer ir trabalhar*” (Participante 2). O Relato 4 igualmente sintetiza tal ponto de vista: “[Uma pessoa com depressão] *não tem ânimo também para trabalhar, não tem vontade própria de desenvolver suas atividades*” (Participante 5). E é interessante reportar que o personagem da estória criada pelo Participante 6, como se estivesse se comunicando em primeira pessoa, enfatizou sua suposta incapacidade laboral ao afirmar o seguinte: “*Sou muito ruim [...] meu trabalho é ruim*”.

O segundo campo de sentido indica que, no imaginário coletivo dos participantes, predomina a ideia de que a depressão é causada por frustrações, sobretudo resultantes de problemas pessoais e/ou familiares, conforme indica o Relato 5: “*Eu acho que [a causa da depressão] pode ser problema na família ou alguma decepção amorosa*” (Participante 3). O Relato 6, por sua vez, se mostrou mais específico: “[A depressão] *É sempre [...] uma consequência de uma decepção com aquilo que ela [a pessoa deprimida] acreditava mais. Exemplo: os filhos. Às vezes cria os filhos [...] e depois tem uma decepção grande*” (Participante 6). Todavia, alguns participantes incidiram em certa culpabilização ao sugerir que não seriam os problemas em si o ponto de partida da depressão, mas, sim, os pensamentos com base nos quais os problemas são enfrentados, como se vê no Relato 7: “*A pessoa deprimida [...] só pensa em coisas negativas e inoportunas*” (Participante 9). O mesmo, inclusive, se depreende do título da estória da participante 7. “*Me perdi em mim mesma*”.

Ainda a propósito do segundo campo de sentido, cumpre assinalar que poucos participantes demonstraram acreditar que as frustrações que desencadeariam a depressão poderiam também ser provenientes do meio laboral. Tal posicionamento, embora de modo indireto, se revela por meio do Relato 8, no qual, ressalte-se, também se observa culpabilização: “[A pessoa com depressão] *não suporta o peso [...] Acho que é a questão dos afazeres do dia a dia, trabalhar...*” (Participante 1). O Relato 9, igualmente, deixa implícito um possível fator ocupacional da depressão: “*No próprio trabalho, as pessoas [...] só querem cobrar*” (Participante 6). Já o Relato 10 foi o único enfático a esse respeito: “[A depressão é causada] *por frustração no trabalho*” (Participante 2). E há que se revelar que a estória elaborada pelo Participante 5 se diferencia por ter como personagem uma mulher que desenvolveu depressão após perder seu emprego e, como consequência, contrair dívidas.

Por fim, o terceiro campo de sentido se ancora na constatação de que, aos olhos da maioria dos participantes, há uma via de mão dupla entre a depressão e a solidão,

especialmente no que diz respeito à vida pessoal. Inclusive é relevante sublinhar que, nos desenhos produzidos por sete deles, observa-se personagens sozinhos, e que o Participante 4 comunicou que sua produção representava a “tristeza” e a “solidão”. Já o Participante 8 informou que havia elaborado uma estória baseada em sua própria vida, tendo mencionado que sofreu um acidente automobilístico quando adolescente e que ficou acamado por um período prolongado em função de complicações dos procedimentos cirúrgicos aos quais foi submetido, além de que, por vergonha e, principalmente, tristeza, recusava visitas de amigos e familiares. Nesse contexto, portanto, o isolamento social seria uma consequência da depressão.

O Relato 11 também exemplifica tal perspectiva, embora não seja derivado de uma estória explicitamente autobiográfica: “[A depressão] *vai atrapalhando a vida familiar, social, [a pessoa] vai ficando isolada*” (Participante 3). Em contrapartida, foi possível depreender que, no imaginário coletivo de alguns poucos participantes, ocupa lugar de destaque a crença na existência de uma relação de causa e efeito entre a ruptura de laços sociais e o surgimento da depressão. Um indicador a esse respeito é o Relato 12: “*O isolamento leva a uma profunda depressão que pode chegar ao ponto de ser tirada a própria vida*” (Participante 4). E o mesmo se aplica, mais indiretamente, ao Relato 13: “*É onde a depressão se manifesta mais forte [...] A pessoa para de dar atenção às pessoas mais importantes de sua convivência e se fecha para o mundo*” (Participante 1).

## **Discussão**

Inicialmente, é preciso esclarecer que, em sua maioria, os participantes do presente estudo não enquadraram a depressão de forma precisa como uma variação normal do tônus afetivo de um indivíduo ou como um transtorno mental. Contudo, por terem enfatizado que as repercussões da depressão no tocante à execução de atividades diárias básicas seriam bastante

acentuadas, conforme o campo de sentido “Depressão-inaptidão”, parece razoável sugerir que os mesmos, ao se depararem com a tarefa proposta durante a coleta de dados, foram remetidos a uma pessoa que apresenta um quadro de adoecimento. Tal achado é relevante, na medida em que pode ser considerado um reflexo do movimento contemporâneo de patologização da existência humana que se mostra presente nos mais diferentes segmentos da sociedade e, conforme Ceccarelli (2010), leva à generalização dos diagnósticos no campo da saúde mental ao fomentar o estabelecimento de uma equivalência entre singularidades em anormalidades.

O primeiro campo de sentido também aponta que, para a maioria dos participantes do presente estudo, a depressão prejudica sensivelmente o desempenho laboral. Por um lado, esse resultado é compreensível, levando-se em conta que a produção de um trabalhador deprimido muitas vezes se torna comprometida em termos quantitativos e qualitativos, o que pode resultar em afastamento do trabalho e, em casos mais graves, à aposentadoria por invalidez (Ribeiro et al., 2019). Por outro lado, nota-se que os participantes do presente estudo definiram uma pessoa com depressão com base, predominantemente, nas limitações causadas pela depressão, o que, ao menos em tese, favorece atitudes estereotipadas e preconceituosas. Ávila, Tachibana e Aiello-Vaisberg (2008), a propósito, observaram algo semelhante ao explorarem o imaginário coletivo de professores do ensino superior a respeito da inclusão escolar, pois identificaram que os mesmos voltavam suas atenções apenas às restrições dos alunos com necessidades especiais.

Faz-se necessário informar que o afastamento do trabalho por transtornos mentais como as síndromes depressivas visa favorecer o reestabelecimento da capacidade laboral e da saúde mental do trabalhador. Porém, não raro o que se sucede é justamente o contrário, na medida em que o afastamento do trabalho pode, como efeito colateral, conduzir à estigmatização e à rotulação, em consonância com Cavalheiro e Tolfo (2011). As autoras advertem que isso se deve ao fato de que, em muitas empresas, o sofrimento psíquico no

ambiente de trabalho é totalmente rejeitado. E, conseqüentemente, os trabalhadores que se mostram fragilizados emocionalmente são excluídos da “comunidade organizacional”, como acrescentam Siqueira, Dias e Medeiros (2019).

Quanto ao campo de sentido “Depressão-decepção”, um dos aspectos que se destaca é o fato de que, para muitos participantes do presente estudo, a depressão é causada por frustrações derivadas de problemas pessoais e/ou familiares. Tal achado contrasta com os resultados reportados por Moreira, Maciel e Araujo, (2013) em uma pesquisa transcultural desenvolvida no Brasil, no Chile e nos Estados Unidos junto a pacientes com diagnóstico de depressão, sem profissão especificada. Isso porque, de modo geral, os participantes da referida pesquisa associaram o próprio quadro de adoecimento a fatores relativos ao meio laboral, dentre os quais a insatisfação com a função desempenhada e com a remuneração recebida, o excesso de trabalho e o desemprego. É interessante mencionar que a coleta de dados foi realizada mediante a utilização de uma entrevista constituída por uma única pergunta norteadora, a saber: “Que relações você encontra entre seu modo de viver e a sua depressão?”. Ou seja, não foram visadas, a princípio, informações capazes de subsidiar a exploração de relações entre depressão e trabalho.

De forma análoga, Linhares e Siqueira (2014) verificaram que bancários tendem a apontar frustrações concernentes à vida profissional como a principal fonte de suas vivências depressivas. Mais especificamente, os participantes de tal pesquisa afirmaram que a contínua busca pela consecução dos objetivos organizacionais gera intenso desgaste, assim como o cerceamento da criatividade e da liberdade no contexto do trabalho implica em uma sensação de invalidação. Além disso, há que se considerar que, conforme Viapiana, Gomes e Albuquerque (2018), os modos de produção determinados pelo capitalismo contemporâneo fomentam a emergência simultânea de sobrecargas e subcargas psíquicas. Diante do exposto, seria esperado que os participantes do presente estudo associassem, de modo mais explícito, a

depressão a frustrações provenientes do meio laboral. No entanto, talvez isso não tenha ocorrido porque a coleta de dados foi realizada no ambiente de trabalho dos mesmos.

Todavia, ainda no que diz respeito ao segundo campo de sentido, é válido salientar que a culpabilização identificada nos relatos de alguns participantes do presente estudo vai ao encontro dos resultados obtidos na pesquisa desenvolvida junto a comerciários e bancários por Cenci (2004). Afinal, como já mencionado, a autora verificou que, nesses dois grupos sociais, a maneira como se compreende a depressão é influenciada decisivamente pela cultura do individualismo típica da atualidade. Adicionalmente, ressalte-se que, em termos desse achado, o presente estudo dialoga com a pesquisa de Fialho, Montezi, Ambrosio e Aiello-Vaisberg (2014), de acordo com a qual, no imaginário coletivo de estudantes de Educação Física, é predominante a crença de que a “vida saudável” se afigura como uma responsabilidade individual, independente de ações governamentais.

O campo de sentido “Depressão-solidão”, por sua vez, foi delimitado com base na constatação de que, na perspectiva dos participantes do presente estudo, sentir-se deprimido e sentir-se solitário são condições que se influenciam mutuamente na vida pessoal. Se considerada uma das direcionalidades dessa relação, nota-se o alinhamento dos saberes populares aos saberes científicos acerca da etiologia das síndromes depressivas, pois a literatura especializada em saúde mental salienta que as perturbações ideativas próprias de tais transtornos mentais conduzem ao isolamento social (Dalgarrondo, 2008). Mas não se deve perder de vista que os saberes populares quanto à origem das doenças, embora possam se reestruturar mediante o contato com conhecimentos médicos, são ancorados nas experiências de vida das pessoas, como alertou Minayo (1988).

Talvez devido a essas experiências de vida o isolamento social foi apontado com maior frequência entre os participantes do presente estudo como uma consequência da depressão, e não como uma causa. O fato é que os mesmos colocaram em relevo a

possibilidade de alguém sentir-se solitário – e, com isso, deprimido – ainda que esteja cercado por outras pessoas, pois enquadraram a solidão, basicamente, como um sentimento que emerge quando certas necessidades afetivas não são satisfeitas. Concepções similares foram verificadas entre os bancários que participaram da pesquisa de Linhares e Siqueira (2014). Mas a maioria deles demonstrou crer que esse sentimento deriva, especificamente, da falta de reconhecimento organizacional, o que, salvo uma exceção pontual, não ocorreu entre os participantes do presente estudo.

Contudo, vale reforçar que, a fim de favorecer a satisfação dos clientes, comerciários geralmente são pressionados a adotar um rigoroso processo de gerenciamento da expressão das emoções (Han et al., 2018; Wharton, 2009). Para Siqueira, Dias e Medeiros (2019), esse tipo de pressão promove a negação das individualidades e, assim, enseja o sentimento de solidão no meio laboral. E, de acordo com Praun (2016), as relações de trabalho, desde os anos 1980, tem imposto uma forma de sociabilidade nociva aos laços de solidariedade. Por esse motivo, havia uma expectativa de que os participantes do presente estudo fizessem alusão ao trabalho como fonte do sentimento de solidão. Por fim, cabe aqui mencionar que em outra pesquisa consagrada à exploração do imaginário coletivo também foi captada uma conexão entre o sofrimento psíquico e a solidão. Assinada por Simões, Ferreira-Teixeira e Aiello-Vaisberg (2014), essa pesquisa apurou, mais especificamente, que, para um grupo de profissionais de saúde mental, o envelhecimento acarreta o isolamento social, em parte como desdobramento das perdas associadas à aposentadoria.

### **Considerações finais**

Em síntese, constatou-se que, conforme os participantes do presente estudo, a depressão afeta severamente a funcionalidade, inclusive no contexto do trabalho. Porém, o meio laboral não foi enfatizado como disparador das frustrações que, para a maioria deles,

desencadeariam a depressão. E o sentimento de solidão, apontado tanto como causa quanto como consequência da depressão, foi circunscrito à vida pessoal. Logo, o presente estudo viabiliza a identificação de algumas relações (im)possíveis entre depressão e trabalho segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários. E, considerando-se a abrangência do conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica, os resultados aqui reportados auxiliam a compreender como esse grupo social tende a se posicionar a respeito do assunto, sobretudo de modo não-consciente.

Desde que o processo de aplicação de tais resultados a outros cenários seja feito em consonância com as particularidades epistemológicas das pesquisas qualitativas, o presente estudo proporciona informações passíveis de utilização no empreendimento de ações de saúde mental a serem desenvolvidas junto a comerciários, inclusive no meio laboral, pelos profissionais que se dedicam à saúde ocupacional. Em contrapartida, deve-se esclarecer que o presente estudo possui limitações, sobretudo porque contou com participantes vinculados a duas lojas de uma mesma rede varejista de móveis e eletrodomésticos. Recomenda-se que em novas pesquisas consagradas à questão da depressão no universo do comércio o recrutamento seja realizado em mais de uma empresa, para favorecer a emergência de perspectivas mais diversificadas. A propósito, sugere-se que esse tópico continue sendo investigado qualitativamente, e que isso seja feito mediante a utilização de instrumentos que proporcionam ampla liberdade expressiva aos participantes, como ocorreu no presente estudo.

## Referências

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de Psicopatologia. Tese de livre-docência*. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais. In: Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (Orgs.), *Cadernos Ser e Fazer* (p. 5-8). São Paulo: IPUSP.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (2013). Rabiscando Desenhos-Estórias com Tema: pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos. In: W. Trinca (Org.), *Procedimento de Desenhos-Estórias: formas derivadas, desenvolvimentos e expansões* (pp. 277-302). São Paulo: Vetor.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2008). Pesquisa psicanalítica de imaginários coletivos à luz da Teoria dos Campos. In: J. Monzani, & L. R. Monzani (Orgs.), *Olhar: Fábio Herrmann - uma viagem psicanalítica* (pp. 311-324). São Carlos: Pedro & João.
- Antunes, R. (2013). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo.
- Aragão, J. A., Andrade, M. L., Mota, M. I. A., Aragão, M. E. C. S., & Reis, F. P. (2014). Ocorrência de sintomas depressivos em médicos que trabalham no programa de saúde da família. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 63(4), 341-346. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000043>
- Ávila, C. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia*, 18(39), 155-164. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2008000100014>
- Baptista, M. N., Soares, T. F. P., Raad, A. J., & Santos, L. M. (2019). Burnout, estresse, depressão e suporte laboral em professores universitários. *Psicologia: Organizações e Trabalho*, 19(1), 564-570. <https://doi.org/10.17652/rpot/2019.1.15417>

- Borsoi, I. C. F. (2007). Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 19(n. spe.), 103-111. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400014>
- Cambuí, H. A., & Neme, C. M. B. (2014). O sofrimento psíquico contemporâneo no imaginário de estudantes de psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 75-88. <https://doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v16n2p75-88>
- Cavalheiro, G., & Tolfo, S. R. (2011). Trabalho e depressão: um estudo com profissionais afastados do ambiente laboral. *Psico-USF*, 16(2), 241-249. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000200013>
- Ceccarelli, P. R. (2010). A patologização da normalidade. *Estudos de Psicanálise*, 33, 125-136.
- Cenci, C. M. B. (2004). Depressão e contexto de trabalho. *Aletheia*, 19, 31-44.
- Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Domingos Neto, J., Myung, E., Murta, G., Vieira, A., Lima, P. R., Lessa, L. A., & Bernardo, W. M. (2019). Depression in the workplace: screening and treatment. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 65(3), 295-315. <https://doi.org/10.1590/1806-9282.65.3.295>
- Fialho, A., Montezi, A. V. M., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). O imaginário de estudantes de educação física sobre vida saudável. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36(3), 626-631. <https://doi.org/10.1590/2179-325520143630005>
- Gomes, R. K., & Oliveira, V. B. (2013). Depressão, ansiedade e suporte social em profissionais de enfermagem. *Boletim de Psicologia*, 63(138), 23-33.
- Gonzalez, E. G., Lourenção, L. G., Teixeira, P. R., Rotta, D. S., Gazetta, C. E., & Pinto, M. H. (2017). Ansiedade e depressão entre profissionais de programas de aprimoramento

- profissional. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, 18, 51-58.  
<https://doi.org/10.19131/rpesm.0192>
- Han, K. M., Shin, C., Yoon, H. K., Ko, Y. H., Kim, Y. K., & Han, C. (2018). *Emotional labor and depressive mood in service and sales workers: interactions with gender and job autonomy*. *Psychiatry Research*, 267, 490-498.  
<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.06.044>
- Herrmann, F. (1979). *O método psicanalítico*. São Paulo: Brasiliense.
- Linhares, A. R. P., & Siqueira, M. V. S. (2014). Vivências depressivas e relações de trabalho: uma análise sob a ótica da psicodinâmica do trabalho e da sociologia clínica. *Cadernos EBAPE.BR*, 12(3), 719-740. <https://doi.org/10.1590/1679-395110385>
- Manna, R. E., Leite, J. C. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). Imaginário coletivo de idosos participantes da Rede de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa. *Saúde e Sociedade*, 27(4), 987-996. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018180888>
- Minayo, M. C. S. (1988). Saúde-doença: uma concepção popular da etiologia. *Cadernos de Saúde Pública*, 4(4), 356-362. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1988000400003>
- Montezi, A. V., Zia, K. O., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), 299-305. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722011000200013>
- Moreira, V., Maciel, R. H., & Araújo, T. Q. (2013). Depressão: os sentidos do trabalho. *Revista do NUFEN*, 5(1), 45-56.
- Nunes Filho, E. P., Bueno, J. R., & Nardi, A. E. (2005). *Psiquiatria e saúde mental: conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais*. São Paulo: Atheneu.
- Praun, L. (2016). A solidão dos trabalhadores: sociabilidade contemporânea e degradação do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 19(2), 147-160.  
<https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v19i2p147-160>

- Ribeiro, H. K. P., Santos, J. D. M., Silva, M. G., Medeiro, F. D. A., & Fernandes, M. A. (2019). Transtornos de ansiedade como causa de afastamentos laborais. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 44, e1. <https://doi.org/10.1590/2317-6369000021417>
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M., Peres, R. S., & Santos, M. A. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595.
- Russo, R. C. T., Couto, T. H. A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 250-255. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000200012>
- Silva, M. A. B. P., & Peres, R. S. (2016). O imaginário coletivo de agentes comunitários de saúde em relação a usuários de saúde mental. *Vínculo*, 13(2), 55-65.
- Silva, N. R., Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2018). Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. *Revista Brasileira de Educação*, 23, e230048. <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230048>
- Simões, C. H. D., Ferreira-Teixeira, M. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Imaginário coletivo de profissionais de saúde mental sobre o envelhecimento. *Boletim de Psicologia*, 64(140), 65-77.
- Siqueira, M. V. S., Dias, C. A., & Medeiros, B. N. (2019). Solidão e trabalho na contemporaneidade: as múltiplas perspectivas de análise. *Revista de Administração Mackenzie*, 20(2), eramg190058. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg190058>
- Valente, M. S. S. (2014). *Depressão e esgotamento profissional em bancários*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Viapiana, V. N., Gomes, R. M., & Albuquerque, G. S. C. (2018). Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo

saúde doença. *Saúde em Debate*, 42(4), 175-186. <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s414>

Wharton, A. S. (2009). The sociology of emotional labor. *Annual Review of Sociology*, 35(1), 147-165. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-070308-115944>

World Health Organization (2017). *Depression and other common mental disorders: global health estimates*. Geneva: World Health Organization.

## CONCLUSÃO

Como mencionado, o Estudo 1 foi concebido para proporcionar a devida contextualização teórico-metodológica ao Estudo 2. Além disso, o Estudo 1, por meio de uma revisão integrativa da literatura, estabeleceu um panorama da produção científica nacional veiculada no formato de artigos empíricos e consagrada à exploração psicanalítica do imaginário coletivo. Ao demarcar as principais tendências e avaliar os indicadores de consistência metodológica de tais publicações, o Estudo 1 forneceu subsídios para pesquisadores interessados em empregar o conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica, o que pode ser feito para a exploração qualitativa dos mais diversos fenômenos psicossociais, como foi evidenciado. Pesquisas desenvolvidas em torno desse conceito, inclusive, têm o potencial de contribuir para a elucidação de preconceitos e estereótipos que, em nossa realidade, ainda são direcionados a uma ampla gama de grupos sociais.

Já o Estudo 2 abordou, em um sentido mais amplo, a saúde mental no contexto laboral, sendo que visou à compreensão do imaginário coletivo de um grupo de comerciários quanto às relações existentes entre depressão e trabalho. Contatou-se que, para os participantes, a depressão acarreta uma série de prejuízos, nomeadamente no que se refere ao desempenho no trabalho, bem como é causada por variados fatores. Porém, tais fatores foram apenas sutilmente associados ao meio laboral. Ou seja: o trabalho foi apontado como o “lugar” em que a depressão se manifesta, mas não do qual se origina. Os participantes, assim, conferiram pouca ênfase às condições e às relações de trabalho como determinantes da saúde mental. Reflexões a esse respeito podem embasar práticas no campo da Saúde do Trabalhador, passíveis de desenvolvimento tanto em empresas quanto em serviços públicos de saúde, na perspectiva da integralidade do cuidado em saúde.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umarama, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br - pgpsi@ipsi.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 348, PGPSI				
Data:	Nove de junho de dois mil e vinte	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	11812PSI004				
Nome do Discente:	Andréa Aparecida Fernandes				
Título do Trabalho:	Depressão e trabalho: relações segundo o imaginário coletivo de um grupo de comerciários				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Assistência multidisciplinar no contexto da saúde: fundamentos e resultados				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Profa. Dra. Miriam Tachibana - IP/UFU; Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos - USP e o Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres orientador da candidata. Ressalta-se que os membros da banca, Profa. Dra. Miriam Tachibana, Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos, Prof. Dr. Rodrigo Sanches Peres e a discente Andréa Aparecida Fernandes participaram da defesa por meio de web conferência, sendo que os Professores Doutores Miriam Tachibana, Rodrigo Sanches Peres e a discente Andréa Aparecida Fernandes participaram desde a cidade de Uberlândia - MG e o Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos participou desde a cidade Ribeirão Preto - SP, em atendimento a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020."

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Rodrigo Sanches Peres, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a participação remota do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

10/06/2020

SEI/UFU - 2062253 - Ata de Defesa - Pós-Graduação

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Sanches Peres, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/06/2020, às 18:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Miriam Tachibana, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/06/2020, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Manoel Antônio dos Santos, Usuário Externo**, em 10/06/2020, às 11:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2062253** e o código CRC **666E42DF**.

Referência: Processo nº 23117.032645/2020-51

SEI nº 2062253